



3787 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E INSCRIÇÕES CORPORAIS NEGRAS: PROVOCAÇÕES E SUBJETIVIDADES REBELDES  
Carlos Adriano da Silva Oliveira - UFBA - Universidade Federal da Bahia  
Maria Cecília de Paula Silva - UFBA - Universidade Federal da Bahia

#### RESUMO

O texto reflete acerca da produção de conhecimento e inscrições corporais negras na universidade. A pesquisa histórica do tempo presente está contemplada em uma revisão de literatura. Partimos da categoria *inscrições corporais* atravessadas por reflexões da sociologia das ausências e das emergências (SANTOS, 2007). A fundamentação conta com aproximações dos Estudos Pós-Coloniais. Concluímos problematizando a importância de subjetividades rebeldes e produzir uma epistemologia africano-brasileira.

Palavras-chave: Educação, Corpo, Relações Étnico-raciais.

#### VAMOS ÀS ATIVIDADES DO DIA

*Vamos às atividades do dia*

*Lavar os copos, contar os corpos. E sorrir...*

*A essa morna rebelde*

*Criolo*

A comunicação apresentada ao XXIV Encontro de Pesquisadores em Educação do Nordeste (EPEN) - Reunião Científica Regional da ANPEd - João Pessoa - PB, tem o objetivo de refletir acerca da produção de conhecimento e inscrições corporais negras na universidade. Trata-se de considerações parciais de tese de doutorado em andamento.

A tese citada utiliza-se de uma abordagem qualitativa mediada por técnicas de produção que transforma signos em sentidos (VERÓN, 1980), tendo como subsídio a metodologia da pesquisa histórica do tempo presente. Na produção de dados, os dispositivos serão a revisão de literatura, análise documental e entrevistas semiestruturadas. A fundamentação conta com reflexões de Le Breton (2007), Fanon (2008), Munanga (2006), Paula Silva (2002), Cesáire (1978) e Luz (2013), dentre outras.

As representações emergem de um fragmento da música *Lion Man* do rapper Criolo (Kleber Cavalcante Gomes, cantor, compositor e ator brasileiro). *Vamos às atividades do dia...* alusão ao diálogo com a *pesquisa histórica do tempo presente*. Metodologia caracterizada pela aproximação dos pesquisadores em relação aos acontecimentos (DELGADO e FERREIRA, 2014), que nos remete ao registro das experiências que valorizam a heterogeneidade, em detrimento a homogeneidade que simplifica (engessa) e distorce o mundo real.

Em termos de representação, no Brasil, a produção histórica das inscrições corporais negras passa por nuances *debons e maus usos do passado*. Não de forma ingênua ou desinteressada, a produção de sentidos circula em torno de uma história única, onde a condição colonial/capitalista propagou a posição do corpo negro classificado e hierarquizado como objeto/coisa desse processo (PAULA SILVA, 2002). Nossa memória viva é constitutiva.

Em diálogo com inquietações, refletimos sobre o tempo presente. Refletir sobre produção de conhecimento no espelho social nos remete a pensar as inscrições corporais negras na universidade. Parafrazeando Le Breton (2007), as *inscrições corporais* são afirmadas como marcação social e cultural do corpo e podem se desdobrar como uma modelagem simbólica variável que atua nas dimensões de remoção, de deformação ou de acréscimo, preenchendo funções no espelho social.

Isto posto, explicitamos considerações parciais da revisão de literatura projetada na tese supracitada. A estrutura parte de uma breve introdução, logo após seções onde discutimos a realidade cotidiana de existência dos corpos negros e reflexões sobre sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Concluímos problematizando a importância de subjetividades rebeldes e produzir uma epistemologia africano-brasileira.

#### LAVAR OS COPOS, CONTAR OS CORPOS E SORRIR: COLONIALISMO E HISTÓRIA

A seção discute representações históricas que culminaram na realidade cotidiana de existência dos corpos negros. Vale dizer que essa construção está vinculada aos desafios enfrentados pelo povo negro nos espaços universitários de produção de conhecimento. Em evidência uma lógica universitária colonialista, desigual, excludente e o *medo* explicitado na configuração de uma estrutura que conceba uma epistemologia africano-brasileira.

As políticas de produção de sentido racistas alimentam-se do mito da democracia racial (MUNANGA, 2006) e de discursos universalistas com intenções colonizadoras. O Colonialismo é antes de tudo um regime de exploração desenfreada de imensas massas humanas que tem a sua origem na violência e só sustem pela violência. Uma forma moderna de pilhagem. Essa exploração e violência também se processam no campo de luta da produção do conhecimento na universidade. Existe uma relação intrínseca entre colonialismo e coisificação, uma barbárie. Ninguém coloniza inocentemente, as aspirações não são por igualdade, o que se aspira é a dominação, potencializando sociedades esvaziadas de si próprias, com possibilidades suprimidas (CESÁIRE, 1978).

As políticas de sentido racista transvestem os argumentos de colonização de diversas formas. Muito comum à existência de menções as ideias de *mistura*, *mestiçagem* e *mérito* como produtos da relação *pura* entre os seres humanos nas relações sociais. No espelho social a história se processa de maneira extremamente violenta. Ao longo da história de povos negros a *violência*, *genocídio*, *desigualdades* e *exclusão social* são termos mais frequentes. Aqui lançamos duas realidades no campo das relações humanas de existência atuais que são representações do processo: A perpetuação da imagem da mulher negra como empregada doméstica e o genocídio da juventude e populações negras.

*Lavar os copos...* No Brasil, os processos de embaquecimento inscritos nos corpos são cotidianos. Ressaltamos as tensões e o desvio existencial do negro (FANON, 2008) e suas implicações expressas em uma súbita tomada de consciência das realidades corporais, econômicas, sociais, históricas e culturais. O desvio existencial é ocasionado pela constatação de que a alma negra é uma construção branca: a civilização branca, a cultura eurocêntrica, impuseram ao negro a condição de embranquecer ou desaparecer.

O desaparecer está intimamente ligado às condições objetivas e materiais históricos. Não arbitrariamente se institui a denúncia dos movimentos sociais negros, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, em torno das bandeiras de luta da *educação* e contrária a representação imagética da *mulher negra vista "apenas" como empregada doméstica*. Um lugar social *reservado*, com representação extremamente perpetuada pelos meios de comunicação e espaços de produção do trabalho por parte da elite escravocrata/neocolonial.

*Contar os corpos...* O desvio existencial também passa por um tribunal de julgamento fortemente arquitetado. O genocídio da juventude negra é uma marca da atualidade. O mapa da violência (IPEA) apresenta dados que estruturam um projeto de estado genocida. De acordo com o Atlas da violência 2017 - homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país. O estudo indica que a população negra corresponde a maioria (78,9%) dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídio. A cada 100 pessoas assassinadas, média de 71 são negras.

A materialidade expressa por corpos negros no campo de trabalho e existência são estruturantes da condição colonial. Essa configuração também perpetua-se na produção de conhecimento das universidades brasileiras. No sentido de encaminhar a discussão, atentamos para o objetivo de situar o contexto de desenvolvimentos da pesquisa educacional no Brasil, e tratar de algumas questões metodológicas e desafios da pesquisa nesse campo.

Ao questionar sobre a existência de uma ciência na produção de conhecimento no Brasil, Gatti (2002) retrata as implicações da pesquisa e sua produção pautadas na consagração do método científico que se desenvolve por ideais de: objetividade, onde não se questiona as condições variáveis de fenômenos; Leis gerais de causa e efeito; relações funcionais deterministas; perspectiva dogmática, absolutizada pautada na ideia de neutralidade.

A consagração do método influencia e (re)produz constructos discricionários que atuam de forma determinante nas representações sobre pesquisa e como essas são *aceitas* (ou não) no campo da pesquisa em educação e das ciências humanas. Assim, segundo Luz (2013) as organizações universitárias não acreditam nem concebem a produção de uma epistemologia africano-brasileira.

Apesar da dimensão perversa que promove um desenvolvimento desigual nas relações de trabalho e existência (a condição dos corpos negros e seus embates para produzir suas experiências nos campos de vida, trabalho e produção do conhecimento), discutiremos a necessidade de *sorrir*. Problematizamos a capacidade de resistência e produzir uma alternativa contra à hegemonia neoconservadora e seus feitos na ampliação da barbárie colonialista também na universidade.

Refletimos sobre a produção de conhecimentos articulado a uma epistemologia africano-brasileira considerando as contribuições de Santos (2007). Inicialmente o autor explicita uma reiterada tensão e crise entre a regulação e a emancipação social e entre a experiência e as expectativas na sociedade moderna ocidental. A *razão eurocêntrica* e *indolente* impede a reinvenção de teorias e a emancipação social. Nessa acepção impera o pensamento linear no qual o futuro já está determinado nas ideias de progresso e produtividade nos parâmetros capitalistas e instiga a um desafio epistemológico que consiste em combater o pensamento hegemônico desde suas formulações.

Pensar em superar as *ausências* que criam uma razão metonímica, preguiçosa, indolente: *o ignorante, o residual, o inferior, o local ou particular e o improdutivo*: monocultura do saber e do rigor (epistemicídio); monocultura do tempo linear (a ideia de progresso, desenvolvimento, modernização marcada pela hierarquia de lugares – (avançados X primitivos); monocultura da naturalização das diferenças que ocultam hierarquias – classificações raciais, étnicas, sexuais como naturais; monocultura da escala dominante, produção de uma escala de dominação (universalismo e globalização); monocultura do produtivismo capitalista, aplicada ao trabalho e a natureza – tudo que não é produtivo (economicamente) é improdutivo, estéril, gera a produção de ausência (SANTOS, 2007).

A realidade de *emergência* demanda a superação das monoculturas por uma ecologia dos saberes. Não se trata de descredibilizar as ciências nem de um fundamentalismo essencialista anti-ciência; A ecologia das temporalidades - a existência de tempos não lineares (ancestralidade africana), combate do estereótipo residual (atrasado X avançado); A ecologia do reconhecimento - descolonizar as mentes e considerar que as diferenças não são hierárquicas; A ecologia da "transescala" - articular análises de escalas locais, globais e nacionais; A ecologia das produtividades - recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, da economia solidária etc. (SANTOS, 2007)

Considerando as cinco ecologias propostas por Santos (2007), atentamos para a necessidade da produção de subjetividades rebeldes. Em destaque a *ecologia dos saberes*, o combate expresso ao epistemicídio, à ciência una e a monocultura do saber. Um embate necessário.

Em vias desse embate necessário nas universidades brasileiras, Narcimária Luz (2013) utiliza uma metáfora para problematizar um contínuo civilizatório que tensiona as *portelas da universidade*. Portela como um limite de fronteiras territoriais, valores e linguagens que representam poder. Narrativas que desequilibram o modelo de ciência e colocam a questão da epistemologia africano-brasileira da *portela para dentro*, como uma possibilidade.

Assim, Luz (2013, p. 190) ainda atenta para a epistemologia africano-brasileira que dinamiza os valores e linguagens das nossas comunalidades persiste, recriando, subvertendo, continuando, surpreendendo e expandido os valores de sua civilização. Crucial problematizar esses espaços – antes intransponíveis e inacessíveis – como possíveis. Sensibilizar e mobilizar os sujeitos em termos históricos de representação e possibilidades. Produzir alternativas. Produzir subjetividades rebeldes.

#### CONSIDERAÇÕES: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES REBELDES

As subjetividades rebeldes contestam a morna rebeldia (as subjetividades conformistas). Propomos uma narrativa sorridente e rebelde que radicaliza. A radicalização de subjetividades rebeldes requer atenção especial sobre as fronteiras da produção e imaginação. Uma rebeldia vinculada a processos imaginativos que compõe outras narrativas. Nesse processo é imprescindível problematizar cuidados com o subjetivismo e a falsa visão da neutralidade das teorias liberais ou neoconservadoras que afirmam em demasia *uma morna rebeldia*.

*E sorrir...* Aqui contestamos uma epistemologia civilizatória pautada em princípios monoculturais eurocêntricos. Nossa contestação está

intimamente atrelada à importância de não negligenciar ações colonialistas/conformistas alimentadas nos discursos racistas, na racionalidade indolente e preguiçosa que inunda a produção de conhecimento na universidade. *O sorrir*, apesar de atividades cotidianas que registram a violência histórica colonial. Um sorrir que produza subjetividades rebeldes (compromissos individuais e coletivos) como uma epistemologia africano-brasileira. Sorrir é uma provocação necessária. O sorrir comprometido com a equidade e justiça social.

## REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília. Plano Editora, 2002.

LE BRETON, David, **A sociologia do corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis. RJ, Editora Vozes, 2 edição, 2007.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **É preciso Africanizar a Universidade**. In: Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão. (Org.) Jaci Maria Ferraz de Menezes, Elizabete Conceição Santana, Maria do Sacramento Aquino. Salvador. EDUFBA, 2013.

MUNANGA, Kabenguele, **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2006.

PAULA SILVA, Maria Cecília de. **Da educação física, moral e intelectual a um corpo idealizado: desvelando o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social** Tradução Mouzar Benedito. São Paulo. Boitempo, 2007.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentidos**. São Paulo. Cultrix. Editora da Universidade de São Paulo. 1980.